

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Uma resposta da Igreja para a questão do abuso e da violência na família

A violência doméstica é um padrão de comportamento irado, impetuoso e coercivo, exercido por um adulto contra outra pessoa com quem mantém íntimo relacionamento. Pode consistir de espancamentos repetidos e severos ou em formas de abuso mais sutis, incluindo ameaças e controle.

As estatísticas demonstram que 95% das vítimas de violência doméstica são mulheres, embora os homens também possam ser vítimas. Entretanto, independentemente de quem seja a vítima, a violência dentro da família é um problema grave, que precisa ser abordado por comunidades religiosas no mundo inteiro.

QUATRO TIPOS BÁSICOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Agressão física – Inclui comportamentos como puxar, empurrar, segurar, bater ou chutar. Pode ocorrer com frequência ou raramente; na maioria dos casos, entretanto, tende a aumentar em gravidade e frequência com o passar do tempo.

Violência sexual – Ocorre toda vez que um parceiro impõe um ato sexual indesejado ou recusado pelo outro parceiro.

Violência psicológica – Significa o afastamento de familiares e amigos, dependência financeira forçada, abuso verbal e emocional, ameaças, intimidação e controle com respeito a lugares onde a outra pessoa pode ir e o que pode fazer.

Ataques contra a propriedade e os animais – São agressões que incluem dano ou destruição de objetos de valor sentimental pertencentes à vítima, móveis e utensílios, bem como maus tratos a animais domésticos. Estes atos, da mesma forma, constituem uma forma de violência doméstica.

PERFIL DE PESSOAS MALTRATADAS E SEUS AGRESSORES

As pessoas espancadas são tão diferentes umas das outras quanto as que não sofrem ataques de violência. Vêm de todas as esferas sociais, todas as raças, níveis de escolaridade e religiões. Qualquer pessoa que conviva com um dos padrões de abuso mencionados acima é uma vítima da violência doméstica.

Assim como ocorre com as pessoas que sofrem ataques de violência, seus agressores tampouco se encaixam em alguma categoria específica. Eles também vêm de todos os tipos de classe social, raça, religião e ocupação. Podem estar desempregados ou ser profissionais muito bem remunerados, ser pessoas sóbrias, membros admirados da comunidade e respeitados membros de igreja.

Muitas dessas pessoas precisam de ajuda para entender questões profundas como a compreensão cristã do sofrimento, a submissão mútua no casamento, a diferença entre disciplina e punição, arrependimento que inclua uma mudança no comportamento, a devida restituição, quando for o caso, o perdão como processo de cura e o discernimento que capacitará as pessoas envolvidas a saberem como lidar com um relacionamento deteriorado.

As vítimas da violência doméstica precisam entender que o abuso não é culpa dela. Precisam ter a certeza de que não estão sozinhas e que existe auxílio. Necessitam de assistência prática para identificar e acessar os recursos disponíveis e podem necessitar de proteção e auxílio para compreender as questões espirituais que surgem em sua mente.

Os agressores também precisam de ajuda para assumir a responsabilidade pela dor que causam na vida de membros da família que, na verdade, deveriam estar contando com

seu amor e apoio. Precisam ser considerados responsáveis por seus atos e incentivados a buscar a necessária intervenção profissional para que se produza uma mudança no comportamento, se é que há esperança de serem restaurados os relacionamentos.

COMPREENDENDO O CICLO DO ABUSO

Em alguns relacionamentos abusivos, repete-se um ciclo que muitas vezes prolonga a tolerância da pessoa porque ela acredita que a situação certamente vai melhorar. O ciclo tem três fases:

Fase I. Durante esta fase de aumento da tensão, a pessoa esforça-se muito para evitar comportamentos que ela sabe que vão desgostar o cônjuge. Aprende a paparicar, a agradar e a condescender. Tenta ler os sinais de uma raiva que cresce, escolhendo maneiras de se conduzir através de seus contatos diários. O agressor, em tensão crescente, observa o cônjuge em busca de motivos para culpá-lo por sua raiva.

Fase II. Este estágio agudo é dominado pelo incidente do espancamento. Ao permitir que sua raiva fique fora de controle, o agressor encontra motivos para culpar o outro e “ensinar-lhe uma lição”. O mínimo incidente provoca sua reação. O reino do terror pode durar horas ou dias. O temor de que qualquer esforço de sua parte para procurar ajuda irá somente aumentar a violência, muitas vezes, impede a pessoa de confidenciar o fato a alguém.

Fase III. Geralmente se segue um período de bondade, contrição e comportamento amoroso por parte do agressor. Frequentemente, ele suplica perdão e faz lacrimosas promessas. A tendência é acreditar que realmente haverá uma mudança. No caso da mulher, ela sente que é sua responsabilidade manter a família unida e conceder ao parceiro outra oportunidade de melhorar e, quando entende que a bondade dele ou suas promessas são no sentido de uma mudança de atitude e comportamento, ela adota um otimismo fora da realidade.

As pessoas iludidas pelo ciclo do abuso precisam compreender que a violência doméstica é um comportamento que se aprende. Os agressores já viram o abuso exemplificado, com frequência, nas famílias onde foram criados. Também experimentaram pessoalmente o poder e o controle que um comportamento abusivo lhes oferece. Não são meramente vítimas de circunstâncias estressantes, mas decidem exercer poder e controle sobre os outros por meio de um comportamento abusivo e escolhem seletivamente suas vítimas. Se não houver uma mudança de atitude e comportamento por parte do agressor, o abuso previsivelmente aumentará e os relacionamentos não poderão ser restaurados com segurança.

Uma intervenção profissional pode pôr fim a algum incidente futuro de violência doméstica, se o agressor estiver disposto a aceitar a responsabilidade por seus atos e procurar tratamento. Mas a violência não desaparece por si. É essencial alguma intervenção. Os objetivos dessa intervenção devem ser proteger a vítima, fazer cessar o abuso, considerar o agressor responsável e auxiliar os envolvidos a terem acesso aos serviços profissionais necessários.

UMA REAÇÃO APROPRIADA POR PARTE DA IGREJA

A Bíblia indica claramente que a marca distintiva dos seguidores de Cristo é a qualidade de seus relacionamentos humanos. As relações cristãs são caracterizadas pelo amor e pela reciprocidade, em lugar do controle tirânico e do mau uso do poder e da autoridade. A metáfora do Novo Testamento para a igreja como a “família da fé” sugere

que a igreja deve funcionar como um clã, oferecendo aceitação, compreensão, conforto e auxílio prático para todos, especialmente para aqueles que estão feridos ou sofrem desvantagens.

A Igreja pode fazer muito para cessar a espiral descendente do abuso e da violência dentro das famílias, ajudar as vítimas e os agressores a encontrarem auxílio e impedir a continuação da violência nas famílias das gerações futuras. O evangelho conclama a comunidade da fé a:

- Afirmar a dignidade e o valor de cada ser humano e denunciar todas as formas de abuso sexual, emocional e violência doméstica.
- Reconhecer a extensão global do problema e seus efeitos graves e de longo alcance sobre a vida dos envolvidos.
- Considerar os agressores como responsáveis por seus atos e ressaltar as injustiças do abuso, falando em defesa das vítimas.
- Romper o silêncio e criar uma atmosfera onde os segredos possam ser revelados e encontrado o devido auxílio.
- Impedir o ostracismo dentro da família e da comunidade da igreja.
- Procurar auxílio profissional e colaborar com serviços especializados para ouvir e atender os que sofrem abuso e violência doméstica, amando-os e confirmando-os como pessoas de valor.
- Proporcionar um ministério de reconciliação dentro do qual a mudança de atitude e comportamento abra a possibilidade de perdão e um novo começo.
- Dar assistência a famílias de relacionamentos deteriorados, sem esperança de restauração.
- Abordar as questões espirituais que afligem as pessoas maltratadas.
- Buscar compreender as origens do abuso e da violência doméstica e desenvolver melhores meios de evitar o ciclo repetitivo.
- Fortalecer os membros dessas famílias mediante instrução e oportunidades de enriquecimento que os capacitem a relacionar-se uns com os outros de maneira mais saudável.

Extraído do Documento Publicado pelo
Departamento do Ministério da Família
Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904, EUA, 1996.